

A Escola como espaço cotidiano de Interação e o uso do Interacionismo Simbólico como instrumento metodológico.

Fernando Diehl

Mestrando em Sociologia

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Email: Fernandodiehl89@gmail.com

Resumo:

Este artigo pretende fazer um breve apontamento acerca sobre a teoria chamada Interacionismo Simbólico e apresentar o seu uso para análises sociais acerca de questões cotidianas, como compreender fenômenos surgidos dentro da Escola através de elos simbólicos que originam-se a partir da interação social cotidiana.

Palavras-Chave: Interacionismo Simbólico; Teoria Social; Escola; Vida Cotidiana

The School as a daily space of interaction the the use of Symbolic Interactionism as a methodological tool

Abstract:

This article intends to make a brief note about on the theory called Symbolic Interaction and present its use for social analysis about everyday issues, how to understand phenomenons arising within the School through symbolic links that originate from the everyday social interaction.

Keywords: Symbolic Interaction; Social theory; school; Everyday life

Este artigo teórico pretende fazer um apontamento breve e introdutório acerca da corrente teórica chamada de Interacionismo Simbólico e como o mesmo pode ser utilizado para a compreensão de fenômenos cotidianos que surgem na escola durante a interação entre os atores envolvidos naquele espaço social. O Interacionismo Simbólico apresenta-se como uma grande ferramenta para análise e compreensão de

sentidos/significados e signos que surgem dentro das relações sociais entre os indivíduos na sociedade. Para esta perspectiva teórica “a sociologia, então, não tem nada a ver com uma noção reificada de sociedade, mas sim com a interação social e as formas de sociabilidade consequentes” (Gadea 2013, p.246).

E é especificamente em relação ao outro, que deve estar à compreensão dos sentidos/significados e símbolos gerados pelos sujeitos através de suas interações. “É pela relação ao outro como sujeito que o indivíduo deixa de ser um elemento de funcionamento do sistema social e se torna criador de si mesmo e produtor da sociedade” (Touraine 2009, p.240). É no outro que se encontra a compreensão do eu, porém quando o reconhecemos como sujeito também.

“O apelo ao sujeito não tem outro árbitro que o próprio sujeito? A resposta é impossível, já que ela confundiria o Eu e o Ego, que a ideia de sujeito obriga a separar. Para sair da consciência e de suas armadilhas, é preciso que o sujeito se afirme reconhecendo o outro como sujeito. O procedimento é tradicional e o cristianismo em particular, desde o Sermão da Montanha, reconheceu nele uma importância central: é preciso amar o próximo como criatura de Deus, amar Deus no próximo” (Touraine 2009, p. 236) .

O respeito ao outro é a condição primeira da justiça e também a formadora de identidade, assim como a elaboradora de símbolos e significados, ou seja, os signos gerados na interação entre os sujeitos, que é o destaque que esta pesquisa pretende analisar e compreender. Deve destacar que ao referir o conceito de signo entende-se por, “objetos ou ocorrências perceptíveis por visão, audição, tato e olfato, como luzes de diferentes cores, elementos de vestimenta, letrados, declarações orais, tons de voz, gestos, expressões faciais, perfumes e assim por diante” (Bauman; May 2010, p.207). É importante salientar que não se pode analisar o indivíduo de forma isolada, sem estar em relação com o *outro*, pois, “o individualismo não tem conteúdo próprio, porque uma norma só poderia emanar de uma instituição e ter efeitos de regulação coletiva” (Touraine 2009, p. 273), o conceito de sujeito não pode ser concebido fora das relações sociais (Touraine 2009, p.380). Dentro da pesquisa sociológica, portanto, “não queremos saber como se comportam coisas individuais, mas sim, a partir delas, formar uma unidade nova, coletiva” (Simmel 2006, p.10).

Portanto, a sociedade humana é um conjunto de ações realizadas pelos indivíduos (Blumer 1986, p.6) e por ser uma ação de indivíduos é que se pode compreender a violência a partir dos sentidos gerados pela ação social dos sujeitos, assim como o significado que os próprios sujeitos dão para ela. O sentido só pode ser compreendido dentro das relações sociais (Touraine 1996, p.166), pois o mesmo só pode surgir dentro dessas relações, “a maioria das pessoas adquire seus significados de outras pessoas, cujo apoio constante é necessário para que esses significados possam continuar a ter credibilidade” (Berger 2011, p.76).

Estamos em constante relação com outras pessoas, em uma forma de cadeia ou teia, “vivo dentro de uma teia de relações humanas [...] Desta maneira a linguagem marca as coordenadas de minha vida na sociedade e enche esta vida de objetos dotados de significação” (Berger; Luckmann 2003, p.39).

Outra teoria que foi utilizada para complementar a compreensão da violência é a teoria dos papéis apresentada por Goffman. Segundo esta teoria os indivíduos estão em um processo social de realização e representações de papéis, como atores em uma peça de teatro. Goffman conceitua a representação como “toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência” (Goffman 2011, p.29). “Podemos dizer que a sociedade proporciona o script para todos os personagens. Por conseguinte, tudo quanto os atores têm a fazer é assumir os papéis que lhes foram distribuídos antes de levantar o pano” (Berger 2011, p.108). O aspecto mais importante desta teoria é compreender que “a socialização é o processo pelo qual as normas são transmitidas” (Bazilli et al 1998, p.113). É neste processo de socialização entre os atores “vestidos” de papéis sociais, como por exemplo, o aluno e o professor, que surgem os símbolos. “Um caso especial, mas decisivamente importante de objetivação é a significação, isto é, a produção humana de sinais. Um sinal pode distinguir-se de outras objetivações por sua intenção explícita de servir de índice de significados subjetivos”, os sinais surgem e agrupam-se em um certo número de sistemas (Berger; Luckmann 2003, p.55), portanto a violência é um sinal (símbolo) e é durante a representação dos atores e suas respectivas ações sociais que o indivíduo cria um significado para a violência, “mas

o que domina é o papel social, porque é ele que explica a presença do retrato” (Touraine 2009, p.281).

Pode-se dizer com isso que “todos os indivíduos estão presos em uma rede de papéis” (Touraine 2009, p.292) e é nessa rede de papéis que a violência cria significados para os atores participantes da interação social, pois “não existe relacionamento social que não inclua uma dimensão de poder” (Touraine 2009, p.377). Pois o poder “não é um discurso proferido do alto de uma tribuna; ele é um conjunto de enunciados produzidos de maneira autônoma em todas as instituições, e que são tanto mais eficazes quanto menos apelam para uma vontade soberana e mais para a observação objetiva, também para a ciência” (Touraine 2009, p. 174). O poder significa toda a “probabilidade de impor a própria vontade numa relação social, mesmo contra resistências, seja qual for o fundamento dessa probabilidade” (Weber 2009, p.33). Portanto “as condutas do actor devem agora ser compreendidas a partir do conhecimento do lugar que o actor ocupa nas relações sociais” (Touraine 1996, p.50), ou seja, deve ser compreendido o sentido originado dessa interação, pois “o campo de uma interacção é definido por uma intervenção da sociedade sobre si mesma e, pro conseguinte, toda a relação coloca actores desiguais em relação: é que toda a relação liga, directa ou indirectamente, um actor associado à direcção desta intervenção, a um actor que sofre os efeitos da mesma” (Touraine 1996, p.78). Então “a sociedade, cuja vida se realiza num fluxo incessante, significa sempre que os indivíduos estão ligados uns aos outros pela influência mútua que exercem entre si e pela determinação recíproca que exercem uns sobre os outros” (Simmel 2006, p.17). Por fim, deve-se entender Relação Social como “o comportamento reciprocamente referido quanto a seu conteúdo de sentido por uma pluralidade de agentes e que se orienta por essa referência” (Weber 2009, p.16).

O último aspecto a ser compreendido no conceito de sociedade para esta pesquisa é a relação da interação dos atores com o conceito de sociação e sociabilidade.

Por “sociação” entende-se como a forma na qual os indivíduos, em razão de seus interesses, sejam eles sensoriais, ideias, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados, se desenvolvem em conjunto a uma direção de uma unidade no qual esses interesses se

realizam. Tais interesses formam a base da sociedade humana (Simmel 2006). Simmel definiu sociação como:

“defino assim, simultaneamente, como conteúdo e matéria da sociação, tudo o que existe nos indivíduos e nos lugares concretos de toda realidade histórica como impulso, interesse, finalidade, tendência, condicionamento psíquico e movimento nos indivíduos – tudo o que está presente nele de modo a engendrar ou mediatizar os efeitos sobre os outros, ou a receber esse efeito dos outros” (Simmel 2006, p.60).

É pertinente colocar também, que um determinado grupo de pessoas podem muitas vezes deter o “monopólio” de ditar as regras sociais vigentes, a partir de seus signos e significados gerados em suas interações, por interação entende-se como “a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata” (Goffman 2011, p.24), pois é pelo processo de socialização que “ocorre a interiorização da sociedade pelo indivíduo e a sua identidade é construída” (Salles e Silva 2008, p.152), são formadas e modificadas dentro dos processos de interação social.

Após esse panorama inicial de apresentar os conceitos fundamentais para a compreensão de “sociedade” para esta pesquisa, será apresentado as teorias que foram utilizadas para a compreensão do fenômeno da violência, primeiro noções gerais da Teoria dos Papéis, o Interacionismo Simbólico e a Etnometodologia depois os conceitos de Educação, Juventude e Violência.

Toda forma de estrutura social deve ser analisada a partir do viés de uma construção que surge através das interações e conseqüentemente das representações entre os atores, “as regras, as normas, a organização social parecem preexistir, como um cenário de teatro, ao momento em que os actores entram em cena” (Touraine 1996, p.79). Os principais materiais para serem pesquisados nesta teoria são “as olhadelas, gestos, posicionamentos e enunciados verbais que as pessoas continuamente inserem na situação, intencionalmente ou não” (Goffman 2012, p.9). Na teoria dos papéis a interação é a “instância que permite dinamizar as estruturas e executar os papéis” (Bazilli et al 1998, p.114), ela é visualizada pelos atores atuando segundo o *script* da sociedade. Outro fator a destacar é que para a teoria dos papéis, “o grupo é o contexto estrutural imediato da maioria das interações” (Bazilli et al 1998, p. 115). Portanto, devem-se perceber as expressões transmitidas e

emitidas pelos atores durante sua interação, sejam os símbolos verbais e não verbais, como as ações desempenhadas por eles. Para isso Goffman utiliza os conceitos de *fachada* e *linha*. Por *Linha* entende-se como “um padrão de atos verbais e não verbais com o qual ela expressa sua opinião sobre a situação” (Goffman 2012, p.13) e já *Fachada* é “o valor social, positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela assumiu durante um contato particular” (Goffman 2012, p.14), portanto, a fachada é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconsciente empregado pelo indivíduo durante sua representação (Goffman 2011). A fachada pode ser considerada como uma imagem do “eu”, por *eu* considera-se o modo como nos arranjamos para executar as representações (Goffman 2011), na verdade o *eu* é a maneira como faço para me representar aos outros¹. Outro conceito importante a ser destacado é o conceito de “representação”, que significa “toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência” (Goffman 2011, p.29). Dentro desta perspectiva teórica é interessante notar que, embora na vida cotidiana, existe uma compreensão de que as primeiras impressões são as importantes e que ficam, a “medida que a interação dos participantes progride, ocorrerão sem dúvida acréscimos e modificações neste estado inicial de informações” (Goffman 2011, p.20), pois o sentido e os símbolos originados desta relação serão modificados ao longo do tempo e da continuidade da interação.

É importante salientar que tanto a fachada como a representação de um papel não são permanentes, o ator deve encontrar ferramentas para a sua manutenção “quando uma pessoa apresenta uma linha inicial, ela e as outras tendem a construir suas respostas posteriores a partir dela e, num certo sentido, ficam presas a ela. Se a pessoa alterar sua linha radicalmente, ou se a linha se tornar desacreditada, o resultado é a confusão, pois os participantes estarão preparados e comprometidos com ações que não são mais apropriadas” (Goffman 2012, p.19), vale salientar, no entanto que a manutenção da

¹ Dentro do contexto da fachada, Goffman apresentou outras formas como a fachada errada ou fora da fachada, mas tais conceitos não entrarão neste trabalho, para mais informações recomendo a leitura dos livros *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face* e *A representação do Eu na vida cotidiana*.

fachada é uma condição da interação, mas não o seu objetivo. Manter intacta a sua fachada, assim como a do outro é fundamental. Para dar um exemplo de fachadas dentro da escola, o garoto que se torna o violento ou o “*brigão*” da turma, mantém alguns aspectos simbólicos que devem ser mantidos para ele preencher essa fachada, caso ela seja ameaçada de alguma maneira, como, por exemplo, ele possuir um gosto secreto por jardinagem, pode destruir toda sua fachada, podendo inclusive gerar um novo papel para ele, o do “sofredor de *bullying*”. Também é importante salientar que muitas vezes dividimos nossas fachadas com quem estamos interagindo, podemos conversar sobre política com algumas pessoas e não com outras (Mead 1967, p.142), para mantermos nossa fachada.

Portanto, uma pessoa vai determinar como vai se comportar durante a interação com gestos simbólicos (verbais e não verbais) criando assim sua imagem de fachada, mostrando qual representação de papel ele pretende desempenhar da mesma forma que os outros esperam que ele desempenhe. Pode-se dizer que as regras de interação que ligam os atores são os laços da sociedade (Goffman 2012). Mas, não é apenas dentro da interação entre as pessoas que se espera que a fachada seja desempenhada, as próprias instituições sociais (supra individuais) esperam e utilizam de mecanismos para que tais fachadas sejam mantidas e desempenhadas, as “instituições moldam nossas ações e até mesmo nossas expectativas. Recompensam-nos na medida em que nos ativermos a nossos papéis. Se saímos fora desses papéis, a sociedade dispõe de um número quase infinito de meios de controle e coerção” (Berger 2011, p. 105).

Quando um indivíduo assume um papel, ele utilizará de símbolos para a realização de sua representação para que sua fachada seja mantida. Pois “um indivíduo que implícita ou explicitamente dê a entender que possui certas características sociais deve de fato ser o que pretende que é” (Goffman 2011, p.22), da mesma forma ele renuncia ser o que aparenta não ser, no exemplo anterior, o valentão da escola ao assumir esse papel (de “*brigão*”) esconde no íntimo do privado (fora do palco e plateia, que seria a escola) suas preferências que poderão deixar em crise a sua fachada. Portanto, quando um indivíduo se apresenta aos outros, ele deverá procurar controlar as impressões que estes recebem da situação de atuação. Então, ao desempenhar o papel, o indivíduo solicita aos demais

participantes da peça que acreditem que o personagem que veem no momento possui os atributos que ele aparenta possuir (Goffman 2011), neste contexto deve-se constar que segundo Goffman, apenas o sociólogo ou algumas pessoas poderão compreender o que está sendo apresentado, “quando o seu público está também convencido deste modo a respeito do espetáculo que o ator encena – e esta parece ser a regra geral – então, pelo menos no momento, somente o sociólogo ou uma pessoa socialmente descontente terão dúvidas sobre a ‘realidade’ do que é apresentado” (Goffman 2011, p.25). Porém, é importante salientar que não surgem fachadas novas a cada interação, “quando um ator assume um papel social estabelecido, geralmente verifica que uma determinada fachada já foi estabelecida para esse papel” (Goffman 2011, p.34), por exemplo, quando um indivíduo assume o papel de médico, a fachada já está estabelecida, então espera-se dele que assuma as linhas, ações e símbolos que espera-se de tal papel social. Quando uma criança entra em um grupo, espera-se dela assumir os símbolos utilizados por tal grupo, ela começa a utilizar essa nova fachada, assumindo assim um novo papel, caso ela não utilize dos símbolos (e a fachada) que o grupo espera, pode desencadear complicações para a criança, desde atos de *bullying*, violência simbólica e em alguns casos da violência física.

A “estrutura” nesta perspectiva pode ser explicada pelo pressuposto de que práticas diferentes “podem empregar a mesma fachada, deve-se observar que uma determinada fachada social tende a se tornar institucionalizada em termos das expectativas estereotipadas abstratas às quais dá lugar e tende a receber um sentido e uma estabilidade à parte das tarefas específicas que no momento são realizadas em seu nome” (Goffman 2011, p.34) logo, a fachada torna-se uma *representação coletiva*, todas as interações e estruturas sociais, são processos de uma dramatização. Então, “quando um indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo” (Goffman 2011, p.41), Goffman chega à conclusão então que na verdade o mundo não é nada mais nada menos que uma reunião.

As últimas colocações a respeito da teoria dos papéis são que, os indivíduos vão gerar e manter a impressão de que a sua representação do momento é a única, ou ao menos a essencial. Já a plateia “admite muitas vezes que o personagem projetado diante dela é tudo que há no indivíduo que executa a representação” (Goffman 2011, p.52). Não devemos contudo entender a interação como um processo mecânico, falhas podem vir a ocorrer e é por isso que ocorre a dinâmica da interação, novos símbolos surgem durante a interação e os atores muitas vezes precisam improvisar e modificar sua atuação para com isso manter a fachada. “Na nossa sociedade, alguns gestos involuntários ocorrem numa variedade tão ampla de representações, dando impressões geralmente tão incompatíveis com as que se pretende transmitir, que estes acontecimentos inoportunos adquirem uma condição simbólica coletiva” (Goffman 2011, p.55). Afinal, ao refletirmos como atores, “somos frequentemente mais conscientes dos padrões que deveríamos ter aplicado à nossa atividade, mas não o fizemos, do que dos padrões que irrefletidamente utilizamos” (Goffman 2011, p.58). Portanto, conclui-se que todas as características gerais das representações podem ser consideradas como coações da interação, que agem sobre o indivíduo e transformam suas atividades em representações. As representações, embora se espera que mantenham uma fachada, está em constante mudança devido ao sentido que os atores nessa representação vão gerando durante a própria interação, depois desse levantamento é importante agora compreender a principal corrente teórica que será utilizada nesta pesquisa, que é o Interacionismo Simbólico, esta corrente teórica pretende analisar a socialização (Bazilli et al 1998, p.27) que os atores sociais, em seus papéis construídos socialmente desempenham interagindo entre si a partir de ações sociais, e como tais atores criam e modificam os sentidos dentro de suas relações a todo instante, não sendo algo mecanicamente estagnado, pois “quando um indivíduo se apresenta diante de outros, consciente ou inconscientemente projeta uma definição da situação” (Goffman 2011, p.220), o Interacionismo Simbólico pretende compreender então essa situação a partir dos símbolos e sentidos gerados de uma interação entre os indivíduos, pois a interação é “a base empírica e simbólica (pelo fato de ser humana) na qual se integram, geram, modificam ou criam papéis, estruturas (“constâncias”), dinâmica, etc., que por sua vez, constroem a teia de relações que é a sociedade” (Bazilli et al 1998, p.20).

O Interacionismo Simbólico teve sua origem no final do século XIX para início do século XX, nos estudos de behaviorismo social de Georg Herbert Mead, para ele o comportamento ou conduta é o que deveria ser analisado no behaviorismo social, “behaviorism in this wider sense is simply an approach to the study of the experience of the individual from the point of view of his conduct” (Mead 1967, p.2), ou seja, é uma compreensão da experiência do indivíduo a partir do ponto de vista de sua conduta. Mead enfatizou a importância de compreender os símbolos gerados a partir da comunicação entre os indivíduos. Porém, foi o sociólogo Herbert Blumer quem deu a nomenclatura de Interacionismo Simbólico para a corrente teórica, em seu livro com o mesmo nome “*Symbolic Interactionism: perspective and method*”. O pressuposto principal dessa corrente teórica, pode-se dizer que seja a base de um empreendimento social que tenha a força sob a análise da socialização, organização pessoal e desorganização pessoal (Bazilli et al 1998, p.27). Ou seja, analisar o problema abstrato das relações entre indivíduos, a interação, a sociedade e os símbolos gerados e originados em tais interações.

“Blumer propõe que a sociedade não é uma estrutura ou organização, mas as ações das pessoas que tomam lugar em situações, e é construída pelas pessoas interpretando situações, identificando e avaliando coisas que têm de ser levadas em consideração e agindo com base nessa avaliação” (Bazilli et al 1998, p.31).

Blumer compreendia a ação organizada pelas pessoas como uma corrente continuamente sendo construída e reconstruída através de processos interpretativos. Com isso compreende-se a sociedade como sendo interação, uma rede de comunicação, através de meios simbólicos, estes símbolos tem sua origem na mente dos indivíduos (Mead 1967), mas criam sentido e eventualmente se modificam a partir da interação social (Blumer 1986), logo “é através da interação face a face que os sujeitos criam um espaço de troca de subjetividade” (Bragança et al 2006). Portanto deve-se salientar que “na perspectiva proposta pelo Interacionismo Simbólico, não é possível conceber o homem sem a sociedade e a sociedade sem o homem. Os dois são gerados permanentemente na unidade simbólica da interação” (Bazilli et al 1998, p.34). Nesta compreensão, um indivíduo desenvolve em sua interação símbolos que são gerados na e durante a própria interação e é nela que eles são alterados, esta perspectiva teórica é denominada como simbólica

porque os interacionistas atribuem peso significativo aos símbolos no processo de comunicação humana (Gil 2010).

Pode-se considerar que existem três premissas básicas para o Interacionismo Simbólico, a primeira é que “human beings act toward things on the basis of the meanings that the things have for them” (Blumer 1986, p.2), ou seja, as pessoas agem de acordo com o sentido/significado que as coisas têm para as pessoas. A segunda é a constatação que “meanings of such things is derived from, or arises out of, the social interaction that one has with one’s fellows” (Blumer 1986, p.2) isso quer dizer que tais significados surgem dentro da interação social entre indivíduos. Por fim, a terceira premissa é que “meanings are handled in, and modified through, an interpretative process used by the person in dealing with the things He encounters” (Blumer 1986, p.2). Isso quer dizer que os significados/sentidos não são estáticos, mas são modificados através de processos interpretativos realizados pelas pessoas. Pode-se constatar que a sociedade não é uma estrutura pronta e estabilizada conforme dito anteriormente, mas um eterno processo de interação entre indivíduos dando significados e resignificando simbolicamente tudo que os cerca. O conceito de significado (ou sentido) é fundamental na conceituação do Interacionismo Simbólico (Bazilli et al 1998, p.37), e esse significado é produto da interação social, modelado nela e ao mesmo tempo transforma o curso da interação. O sentido pode ser entendido como “Field of the relation between the gesture of a given human organism and the subsequent behavior of this organism as indicated to another human organism by that gesture.” (Mead 1967, p.76), portanto pode-se afirmar que o sentido surge no ato social, pois “the relationship between a given stimulus and the later phases of the social act,[...] constitutes the Field within which meaning originates” (Mead 1967, p.78). Nesta perspectiva teórica afirma-se que durante a interação é que ocorrem as mudanças de sentido, pois “we shift from what we started to do because of the reply of the others makes” (Mead 1967, p.141). Outro conceito importante a ser utilizado é o de *self*, apresentado por Mead, entende-se como o “engajamento em um comportamento auto-reflexivo da pessoa no processo de interação social” (Bazilli et al 1998, p.40), dentro do Interacionismo o próprio conceito de *self* é uma construção. “Para o Interacionismo Simbólico, a realidade do self é fenomenológica, na medida em que não tem localização física ou biológica” (Bazilli et al 1998, p.40) pois ele surge e se desenvolve dentro do

processo de interação sociais dos indivíduos e suas ações. Nesta perspectiva “é nas relações sociais que o indivíduo adquire o controle de seu processo de desenvolvimento e de autoconhecimento, por meio do significado atribuído a gestos, palavras e atitudes para consigo mesmo e para com os outros” (Bazilli et al 1998, p.63), então, o pensamento se torna um ato preparatório da ação social. O importante a se analisar é que “The social act is not explained by building it up out of stimulus plus response; it must be taken as a dynamic whole – as something going on – no part of which can be considered of understood by itself – a complex organic process implied by each individual stimulus and response involved in it” (Mead 1967, p.7), ou seja, o ato social é algo dinâmico e deve ser compreendido como algo que se encontra em constante mudança, não estático.

Esta perspectiva teórica pretende, portanto, compreender a relação dos grupos humanos com a conduta humana (Blumer 1986, p.1), grupo humano para Blumer quer dizer pessoas que estão engajadas em uma ação (Blumer 1986, p.6). Portanto no Interacionismo Simbólico o sentido é o centro da compreensão e também motivo de pesquisa (Blumer 1986, p.3). Por sentido entende-se como “the meaning of a thing for a person grows out of the ways in which other persons act toward the person with regard to the thing. Their actions operate to define the thing for the person” (Blumer 1986, p.4), ou seja, o sentido de alguma coisa é aquilo que surge em uma pessoa a partir do que outra compreende e atua em relação à ação da pessoa. Os sentidos são produtos sociais. O “uso” de um sentido por uma pessoa durante a sua ação envolve um processo interpretativo, ou seja, o uso do sentido de um ator ocorre durante este processo de interpretação. Um indivíduo pode agir segundo sua vontade própria, ou melhor de maneira solitária, também coletivamente ou agindo de acordo e representando alguma espécie de organização ou grupo para outras pessoas (Blumer 1986, p.6), então, a sociedade deve ser entendida pela ação, “the first and last instances human society consists of people engaging in action” (Blumer 1986, p.7). Portanto, o Interacionismo Simbólico caracteriza-se por interpretar essas ações. Outro fator importante a mostrar é que “the position of symbolic interactionism is that the ‘worlds’ that exist for human beings and for their groups are composed of ‘objects’ and that these objects are the product of symbolic interaction” (Blumer 1986, p.10), isso quer dizer que os “mundos” dos sujeitos são criados por objetos e eles são produtos de uma interação simbólica. O Objeto é algo que pode ser indicado/nomeado, Blumer classifica

três tipos de objetos, os Objetos Materiais, que são os materiais, toda espécie de matéria. Os Objetos Sociais, que são as pessoas e por fim Os Objetos Abstratos, que são os pensamentos e ideias (Blumer 1986 p.11). Nesta compreensão, o significado de um objeto vai poder ter significados diversos para diferentes pessoas. Mas tal significado surge a partir do jeito que tais objetos são definidos para esta pessoa e as outras que ela encontra-se em interação, ou seja, para um grupo de pessoas que interagem constantemente, um objeto vai ter seu sentido/significado idêntico, pois ele surgiu na interação deles. Portanto, os objetos são criações sociais, que surgem dentro de uma interação e as pessoas realizam e formam suas atividades sociais ao redor de objetos. Porque é precisamente através do sentido que damos aos objetos, as pessoas, os símbolos que nos rodeiam, que os atores fabricam seu mundo social (Coulon 2005, p.18). Então, resumindo a linha teórica do Interacionismo Simbólico, o sentido/significado surge a partir de um processo social, e neste processo as pessoas envolvidas dão sentidos aos objetos da interação, logo, pode-se afirmar que o homem se adapta à interação social. Como bem explicou Blumer, “from the standpoint of symbolic interactionism human group life is a process in which objects are being created, affirmed, transformed, and cast aside. The life and action of people necessarily change in line with the changes taking place in their world of objects” (Blumer 1986, p12), o Interacionismo Simbólico tenta interpretar o processo de atividades coletivas realizadas pelos indivíduos. A ação social é vista no Interacionismo Simbólico “as consisting of the individual and collective activities of people Who are engaged in social interaction, activities whose own formation is made in the light of the activity of one another” (Blumer 1986, p.54), ou seja, a ação social deve ser vista tomando lugar dentro do processo social de interação (Blumer 1986, p.55), pois “el interaccionismo simbólico sostiene que la concepción que se hacen los actores sobre el mundo social constituye, em el fondo, el objeto esencial de La búsqueda sociológica” (Coulon 2005, p.17).

Os quatro conceitos principais no Interacionismo Simbólico são:

- (1) People, individually and collectively, are prepared to act on the basis of the meanings of the objects that comprise their world; (2) the association of people is necessarily in the form of a process in which they are making indications to one another and interpreting each other’s indications; (3) social acts, whether individual or collective, are**

constructed through a process in which the actors note, interpret, and assess the situations confronting them and (4) the complex interlinkages of acts that comprises organization, institutions, division of labor, and networks of interdependency are moving and not static affairs (Blumer 1986, p.50).

Com isso, o papel do pesquisador nesta perspectiva é ver o objeto como o outro (pesquisado) vê esse(s) objeto(s), pois o sentido do objeto é criado a partir do jeito como o outro vê ou atua com este objeto. O Interacionismo Simbólico envolve como o próprio nome diz, a interpretação (Blumer 1986, p.66).

A síntese do Interacionismo Simbólico seria que as “características proporcionadas e desenvolvidas pelo processo social, em que um indivíduo torna-se capaz de indicar a si mesmo o que outro está por fazer e, a partir dessa condição, adotar a mesma atitude, analisando e reconstruindo o seu ato por meio desse processo” (Bazili et al 1998, p.87), o Interacionismo Simbólico “focaliza as propriedades emergentes da interação, e como essa influencia as percepções e identidades individuais” (Monsma 2007, p.26). É importante colocar que tanto o Interacionismo Simbólico, como a teoria dos papéis “ênfatizam a necessidade de analisar o fenômeno social a partir da perspectiva dos participantes no processo social, o que poderia implicar a necessidade de um observador externo” (Bazilli et al 1998, p.153). Partindo agora para a compreensão da vida cotidiana na escola.

A escola é considerada um dos primeiros espaços de socialização que os indivíduos vão passar, após a família, portanto a escola é a primeira instituição fora a família nuclear, “a escola deve ser um lugar de ruptura com o meio de origem e de abertura ao progresso” (Touraine 2009, p. 20). Devo salientar que este trabalho não visa analisar o processo histórico e estrutural em que a escola passou e tem passado, mas compreendê-la como um espaço em que ocorre uma socialização entre os atores pertencentes aquele local, compreendendo como se desenvolvem as violências dentro das interações entre os atores que frequentam aquele local e como esses símbolos da violência são construídos e consequentemente, modificados através da interação social.

A escola é a instituição em que ocorrem interações entre diversos atores como os alunos, professores, funcionários, pais e membros da comunidade em que a escola encontra-se inserida, é importante salientar que a escola não é uma estrutura estática, imóvel,

eternamente igual, mas sim um espaço *vivo* em constante interação e modificação, “Os modos de vida dos sujeitos em interação, dentro do cenário escolar, fornecem as trocas materiais e simbólicas, criando as condições necessárias para que os processos sociais encontrem expressão possível” (Abramovay et al 2003, p.112). A escola está constantemente se modificando pelo processo de socialização realizada pelos atores que nesse espaço (palco), local que eles circulam e interagem, “embora haja uma percepção crítica sobre a escola como espaço de aprendizagem, esta também se sobressai no imaginário dos alunos como lugar apreciado por outros atributos [...] a escola aparece, também, como um local privilegiado de socialização, formação de atitudes e opiniões e desenvolvimento pessoal” (Abramovay et al 2003, p.125),então a interação existente na escola fornece “as trocas materiais e simbólicas, criando as condições necessárias para que os processos sociais encontrem expressão possível” (Abramovay et al 2003, p.127), diversos símbolos são gerados nas interações que ocorrem na escola, os atores passam por diversas mudanças e novos sentidos são gerados nessa interação. Pode-se constatar que a educação é um fenômeno social e universal, por educação não está sendo referido não necessariamente como uma instituição (a escola), mas sim o processo de socialização que ocorre dentro da escola que é um fenômeno universal, o processo de ensino, transmissão de signos e símbolos para os jovens adquirirem para quando entrarem na vida adulta estarem prontos para interagirem com os demais sujeitos, o script da sociedade é dado na escola, aonde os alunos vão ensaiando seus papéis para quando assumirem suas futuras funções. A escola produz “um amplo universo simbólico que estimula configurações de sentidos e significados, possibilitando, desse modo, a constituição da subjetividade e a construção das identidades” (Abramovay et al 2003, p.112). Pode-se dizer que a escola é um local para a produção de um universo simbólico, gerando sentidos para os atores envolventes realizarem suas ações sociais, criando identidades e outras formas de subjetividade entre os atores envolvidos neste espaço de interação.

Uma parte dos jovens não vê hoje a educação como uma ferramenta de ascensão social, uma vez que “a promoção social por meio da educação serviu por muitos anos como folha de parreira para a desigualdade nua e imoral das condições e expectativas humanas” (Bauman 2013, p.64). Porém, essa visão não condiz mais para muitos jovens, hoje a expansão da instituição escola para as demais camadas sociais desencadeou na criação de

uma escola que deixa visível as desigualdades existentes na sociedade, muitas vezes sendo a escola quem reforça essas desigualdades.

O que tem ocorrido recentemente é uma perda de significado do que consiste a escola, pois “uma população que vem exigindo novos enfoques da educação e qualificação profissional, o que não seria acessível aos jovens de famílias pobres” (Abramovay et al 2003, p.28). Neste aspecto, é importante lembrar que a escola é uma construção social, gerada a partir dos signos e símbolos que surgem na ação de interação entre os atores, se essa perda de significado tem surgido, é devido às mudanças de símbolos nas ações entre os sujeitos, ou seja, são os fatores externos (toda a esfera social) que tem influenciado nessa mudança de visão do que significa escola. Assim como a relação dos alunos com os professores é também apontada como um dos grandes problemas existentes na escola (Abramovay et al 2003, p.79). Outro fator externo a ser destacado é a valorização simbólica de heróis que ascenderam socialmente, figuras que abandonaram os estudos, tornando-se figuras a inspirar os mais jovens

“Lembre-se de que todos ou quase todos os heróis contemporâneos das histórias de ascensão social – sujeitos que fizeram fortunas de bilhões de dólares a partir de uma única ideia feliz e de uma oportunidade auspiciosa, as encarnações atuais da ideia de uma vida de sucesso, de Steve Jobs, fundador da Apple, a Jack Dorsey, inventor do Twitter, e David Karp, fundador do Tumblr -, todos, sem exceção, se evadiram do sistema educacional. (Karp bateu o recorde por não ter passado um único dia no colégio após abandonar o ensino médio no primeiro ano.) Damien Hirst, outra encarnação do sucesso instantâneo, que leva a uma fortuna fabulosa, um ídolo da “Britart”, a variedade mais lucrativa da atual produção artística na Grã-Bretanha, confessa sua surpresa diante do que se pode conseguir com notas medíocres nas escolas de artes com um pouco de sorte e uma serra” (Bauman 2013, p.38).

Com isso eles estão dizendo simbolicamente que os heróis, as pessoas que ascenderam e cresceram na vida, abandonaram os estudos. Ora, tal atitude gera nos jovens signos de questionar a importância da escola como instituição e até que ponto a *ascensão* social será adquirida com a escola. É importante salientar que a escola hoje não reconhece muito da cultura que o jovem adquire e recebe fora dela própria, “a cultura escolar não tem demonstrado receptividade à linguagem e às várias formas de expressão juvenil” (Abramovay 2008 b), uma vez que “os jovens possuem valores, ideias, conhecimentos

que não têm coincidido exatamente com o que se ensina na escola, sendo que as diferenças se tornam ainda maiores quando a escola se fecha ao diálogo com eles”. (Abramovay 2008 **b**) Pois muitas vezes a escola está fechada em regras e formas de como vai desenvolver o ensino, deixando de lado símbolos que os jovens reconhecem em seu cotidiano, “as regras e normas se convertem em problemas que geram conflitos e violência, já que são pouco compreendidas na medida em que não se dialoga e se desconhece como se dão as relações sociais na escola tanto entre os pares como os adultos” (Abramovay 2008 **b**).

Outro fenômeno a se destacar é o de exclusão social, “A exclusão dos jovens, em particular das classes de trabalhadores e de setores populares, leva também ao desencanto em relação ao valor da escolaridade” (Abramovay et al 2003, p.34). Vale salientar que “a escola ainda afigura-se aos estudantes tanto como uma efetiva via de acesso ao exercício da cidadania como, ao contrário, um mecanismo de exclusão social” (Abramovay et al 2003, p.125), pois a escola deixou de ser um campo protegido para se tornar um território em que proliferam conflitos e exclusões. Por exclusão social entende-se “como mais que desigualdade econômica, abarcando dimensões e processos culturais e institucionais” (Abramovay et al 2003, p.126), ou seja, a velha imagem da exclusão como mero fator econômico não deve ser o único fator a se analisar neste caso, mas outras dimensões como cultural. A escola possui duas faces, na mesma instituição ela serve como mecanismo de exclusão assim como também o exercício de construir a cidadania, e é importante salientar isso para que não vejamos a escola com uma visão apocalíptica de que ela está condenada e nada mais pode ser feito, pelo contrário, mas também não podemos ocultar a existência de desencanto com a escola como instituição, a ascensão social pela educação e a violência dentro da escola, como muitos tentam fazer. Compreender que existe essa atual insegurança dentro da escola é a primeira motriz para agirmos em prol de uma mudança, pois como vem sido demonstrado ao longo de todo processo desta pesquisa, a sociedade na verdade é a interação de indivíduos, então se os indivíduos constroem seus símbolos e instituições a partir de sua interação, eles podem vir a modificá-las criando novos significados e símbolos. Por fim, destaca-se que “a escola não seria mais representada como um lugar seguro de integração social, de socialização, não é mais um espaço resguardado; ao contrário, tornou-se cenário de ocorrências violentas” (Abramovay et al

2003, p.78). Vem-se constatado que “as escolas – espaços propícios aos processos de socialização e integração social – vêm tendo que administrar os conflitos gerados por diferentes formas de violência” (Abramovay 2008 a, p.8).

A partir do sistema escolar os jovens desenvolvem habilidades, criam relações sociais, colaboram na formatação de suas identidades. No entanto, a escola é também o local de produção e reprodução de violências nas suas mais variadas formas, na medida em que seu modo de organização acaba impossibilitando que ela cumpra o seu papel, que é o de formar crianças e jovens. “As violências têm impactos objetivos sobre a qualidade do ensino” (Abramovay et al 2003, p.81), essas violências que muitas vezes são potencializadas por estarem presas a uma rede de relações sociais em um sistema hierarquizado extremamente rígido, a violência se torna um recurso para a superação dos problemas oriundos desta interação, já que “a escola é também lócus de produção e reprodução de violências nas suas mais variadas formas, na medida em que sua estrutura, seu modo de organização, acaba impossibilitando que ela cumpra o seu papel, que é o de formar, de maneira positiva, crianças e jovens” (Abramovay 2008 b). Sobre o caso escolar é importante compreender o desenvolvimento da interação entre os atores, pois em um ambiente em que prevalece a violência, alunos, professores e demais integrantes da comunidade escolar podem estabelecer uma relação de distanciamento com a escola, gerando assim um sentimento de falta de pertencimento, podendo levar a atos como o abandono escolar. Esse sentimento de não pertencimento dentro da escola pode desenvolver um sentimento de insegurança, ao mesmo tempo em que podem dar margem à proliferação de atos e episódios de violência, além é claro o fato de que “quase metade dos alunos sustenta que as violências no ambiente escolar fazem com que não consigam se concentrar nos estudos” (Abramovay et al 2003, p.84). Então, a escola constitui-se não apenas de uma estrutura física, mas de atores em interação, que criam símbolos que são propícios para o ensino-aprendizagem e para o estabelecimento de certos padrões de relacionamento social que podem desenvolver a violência. É importante salientar que a violência perpassa todas as relações sociais na escola, ou seja, ela não ocorre apenas entre os alunos, ou em casos de alunos e professores, mas todos envolvidos, como funcionários e pais também. A escola é um espaço de produção de violência, ela não cria a violência em si, mas é o espaço onde a violência vai ocorrer, seja por fatores externos ou internos,

quando é interno, vale salientar que é devido aos símbolos criados pela interação entre os indivíduos, portanto, não é a instituição escola que gera a violência. Porém, tem um fator importante a ser salientado é que “algumas escolas são historicamente violentas, enquanto outras passam por situações conjunturais de violências” (Abramovay et al 2003, p.85), portanto, a análise da micro-história da escola é importante ser pesquisada e compreendida.

O Interacionismo Simbólico apresenta-se como uma importante teoria social para a compreensão de fenômenos que ocorrem na escola, desde a violência à questões como a construção da identidade dos alunos, podem ser compreendidas a partir de símbolos e elos construídos através da interação social dos atores sociais envolvidos naquele espaço social de interação.

BIBLIOGRAFIA

ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. São Paulo, Martins Fontes, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Sobre educação e juventude*. Rio de Janeiro, Zahar, 2013.

_____ ; MAY, Tim. *Aprendendo a pensar com a Sociologia*. Rio de Janeiro, Zahar, 2010.

BAZILLI, Chirley; RENTERÍA, Erico; DUARTE, José Carlos; FRANCISCATTI, Kety Valéria Simões; ANDRADE, Leandro Feitosa; RALA, Luiz Antônio. *Interacionismo simbólico e teoria dos papéis*. Uma aproximação para a psicologia social. São Paulo, Educ, 1998.

BERGER, Peter Ludwig. *Perspectivas sociológicas: Uma visão humanística*. Petrópolis, Vozes, 2011.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis, Vozes, 2003.

- BLUMER, Herbert. *Symbolic Interactionism: Perspective and Method*. Los Angeles, University of California Press, 1986.
- COHN, Gabriel. *Weber: Sociologia*. São Paulo, Ática, 2008.
- COULON, Alain. *La Etnometodologia*. Catedra, Madri 2005.
- GADEA, Carlos A. O interacionismo simbólico e os estudos sobre cultura e poder. *Revista Sociedade e Estado*. Brasília, Volume, Número 2, Maio/Agosto 2013.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo, Atlas, 2010.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 2011.
- _____. *Ritual de Interação: Ensaio sobre o comportamento face a face*. Petrópolis, Vozes, 2012.
- MEAD, George Herbert. *Mind, Self & Society: from the Standpoint of a Social Behaviorist*. Chicago, University of Chicago Press, 1967.
- MONSMA, Karl. Teorias Interacionistas e fenomenológicas da violência com aplicações à pesquisa histórica. *Revista Métiis: História & Cultura*. Caxias do Sul, Volume 6, Número 11, Jan/Jun 2007.
- SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: Indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.
- TOURAINÉ, Alain. *Crítica da modernidade*. Petrópolis, Vozes, 2009.
- _____. *O retorno do actor: ensaio sobre sociologia*. Lisboa, Piaget, 1996.
- WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva volume 1*. Brasília, UNB, 2009.
- _____. *A “objetividade” do conhecimento nas Ciências Sociais*. São Paulo, Ática, 2006.